



ASPECTOS GERAIS DA SUINOCULTURA BRASILEIRA E MUNDIAL NO PERÍODO DE 2005 A 2014

Área Temática: Agricultura e Agronegócio

Artigo Completo

Larissa Fabiana Gill Chávez - (UEMS) - larissagilch@gmail.com
Gabriela Balduino Moreira - (UEMS) - gabrielabalduinom@gmail.com
Vilmar Nogueira Duarte - (UEMS) - vilmarufms@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo teve como objetivo analisar a dinâmica geral da suinocultura no período de 2005 a 2014. Para tanto, observa-se não somente o panorama nacional como também o cenário internacional da produção, exportação e consumo de carne suína. Para atender o objetivo central deste artigo utilizou-se, inicialmente, de uma pesquisa descritiva que pode ser classificado como sendo de caráter teórico-bibliográfico. Para o levantamento dos dados utilizou-se a técnica de pesquisa bibliográfica e documental. Os resultados da pesquisa apontam o Brasil como o 4º maior produtor e o 5º maior consumidor, participação considerada baixa tanto na produção quanto no consumo mundial do produto. No que se refere à exportação, o Brasil ocupa o 4º lugar, com sua participação apresentando forte diminuição no período estudado. Quanto ao panorama da produção, verificou-se uma maior concentração nos estados da Região Sul do país.

Palavras-chave: Carne suína, panorama nacional, cenário mundial.

1. INTRODUÇÃO

A carne suína consolidou-se como a mais importante fonte de proteína animal do mundo após 1978, como resultado, a produção mundial bem como o seu consumo tem crescido significativamente. No Brasil, até o início do século XXI, o crescimento da produção nacional não acompanhou a dinâmica mundial. Conforme dados obtidos da CIAS-EMBRAPA (2010), ao mesmo tempo em que a produção mundial cresceu a uma taxa de 3,3% ao ano, a produção nacional cresceu apenas 2,6%.

Somente a partir da última década do século XX é que se verificou uma alteração no panorama das exportações nacionais. A abertura comercial possibilitou o incremento de tecnologias no setor impactando diretamente em melhoras na produção suinícola nacional, levando a um crescimento de 5,7% ao ano, enquanto que o resto do mundo cresceu apenas 2,2%.

Hoje a suinocultura é uma atividade praticada em todo território nacional, fato que pode ser atribuído às condições climáticas do país, haja vista que permitem a adaptação dos animais às diferentes regiões e também aos mais variados sistemas de produção. A suinocultura brasileira vem conquistando seu espaço em nível mundial, ocupando o quarto lugar em termos de produção e também é o quarto maior exportador.

De acordo com Gonçalves e Palmeira (2006), houve um grande progresso na técnica e no modelo de coordenação das atividades suinícolas nos últimos anos, entre fornecedores de



insumos, produtores rurais, agroindústrias, atacado, varejo e consumidores. No que diz respeito à criação, esta passou a ser feita através de cadeias de produção, explorando a atividade de forma econômica e competitiva.

A suinocultura vem progredindo de maneira notável em todos os aspectos: da genética à nutrição; do manejo à sanidade; das instalações aos equipamentos utilizados (PINHEIRO et. al., 2009). Para Lima (2013), as grandes transformações pela qual a suinocultura passou nos últimos, podem ser explicadas por: (i) o aumento da produtividade, a qual tem como principal fator a seleção genética dos animais, assim como a grande contribuição das técnicas moleculares no melhoramento genético de suínos; (ii) melhor administração e gerenciamento das propriedades em decorrência do aumento da escala, da profissionalização e do uso da informática; (iii) grandes melhorias no manejo, em especial do pré-abate, envolvendo as etapas de carregamento, transporte e alojamento dos animais no frigorífico.

Apesar dos notáveis avanços ocorridos, o setor ainda precisa passar por profundas mudanças se quiser manter sua competitividade internacional. Além do mais, ainda há outros fatores adversos que precisam ser melhorados na cadeia produtiva. A respeito disso, Roppa (1998) ressalta que se trata de uma atividade que exige muita dedicação por parte do produtor, para que possa alcançar índices de produtividade e lucratividade significativos, satisfatórios e sustentados.

A atividade suinícola é uma das grandes geradoras de riqueza para muitos países. A criação desses animais possui um grande valor na pecuária e pode ser manejada com sucesso nas grandes e pequenas propriedades. Pela sua capacidade de reprodução e facilidade de criação, a suinocultura é uma atividade capaz de fazer frente aos desafios de produzir proteína animal de alta qualidade para atender à crescente demanda da população mundial (PINHEIRO et. al., 2009).

Considerando que a suinocultura faz parte da economia exportadora do Brasil, torna-se importante destacar sua evolução no mercado internacional. Sendo assim, o objetivo principal do trabalho é analisar o panorama da suinocultura brasileira e mundial no período de 2005 a 2015. Como objetivos específicos têm-se: (i) identificar a participação dos principais países produtores, consumidores e exportadores no contexto mundial; (ii) identificar a participação da produção brasileira no comércio internacional; (iii) identificar os principais estados produtores; (iv) identificar os níveis de consumo nacionais. A justificativa da pesquisa decorre da importância que o setor tem adquirido no contexto econômico nacional e internacional. Para cumprir os objetivos propostos, o trabalho encontra-se dividido em cinco seções. Além desta introdutória, a segunda seção apresenta o panorama mundial e nacional da suinocultura; a terceira seção apresenta a metodologia empregada no desenvolvimento da pesquisa; e as seções seguintes apresentam os resultados do trabalho e as considerações finais, respectivamente.

2. PANORAMA DA SUINOCULTURA

2.1. Panorama Mundial da Suinocultura

Desde a antiguidade a carne suína tem sido um produto apreciado pela humanidade. Os primeiros relatos encontram-se nos escritos de Hipócrates (377 a.C.), o “pai da medicina”, em tais escritos, o estudioso da área da saúde, elogiava os benefícios da carne. (SUINOCULTURA, 2008). Outro relato surgiu na idade média, durante o Império Romano, em que se verificavam grandes criações e a carne era apreciada em festas da Grande Roma. O



consumo rapidamente adquiriu uma significativa importância, passando a ser símbolo de gula, volúpia e luxúria.

Também foi na antiguidade que se originaram as primeiras polêmicas envolvendo o consumo da carne suína. Foi através de Moisés, o líder hebreu, que ficou proibido o consumo da carne de porco para o povo. A justificativa para tal proibição se deve, em tese, ao fato de que tal medida objetivava evitar verminoses comuns, como é o caso da solitária, da qual era vítima o povo judeu.

Com o passar do tempo, a imagem da carne suína foi alterando-se de tal maneira que predominou uma imagem negativa. Encontra-se nos escritos do historiador grego Heródoto (484-425 a.C.) o relato de que os egípcios consideravam o porco um animal "impuro", uma vez que se alimentava de dejetos. Conclui-se, assim, que a ideia de "impureza" concebida a respeito do consumo da carne do porco se transmitiu através da história.

Mesmo que em determinadas culturas o produto passasse por sérias restrições ao longo da história, em outras foi amplamente apreciado, sendo importante destacar que o "porco"¹ já apresentou dupla utilidade aos seus consumidores: (i) fornecedor de carne para o consumo, como fonte de proteína animal; e (ii) fornecedor de banha, que em muitos casos era a principal fonte de gordura para o preparo dos alimentos.

Todavia, mais tarde com o surgimento dos óleos vegetais, predominou a preocupação com o consumo de alimentos com alto teor de gordura, razão pela qual o consumo da carne suína passou a ser amplamente questionado, uma vez que esta era considerada um produto nocivo à saúde humana. Segundo Roppa (2002), esse conceito errôneo deve-se ao desconhecimento em relação aos intensos trabalhos de melhoria nas áreas de genética, nutrição, manejo e sanidade, que foram efetuados pelos criadores ao longo dos últimos 30 anos.

Segundo Roppa (2002), graças aos programas de genética e nutrição, o suíno moderno apresenta em torno de 60% de carne magra na carcaça e apenas 1,5 a 1 centímetro de espessura de toucinho. Nos últimos 20 anos, o teor de Gordura diminuiu 35%, o de Calorias em 20% e o de Colesterol em 15%. O suíno atual é exigente e é criado em instalações com alto rigor, no entanto, a suinocultura moderna e eficiente, ainda convive com a criação de porcos que não possui a "mentalidade melhorista", fato que tem corroborado para a manutenção dos tabus da era do "porco tipo banha".

O suíno moderno começou a ser desenvolvido no início do século, através do melhoramento genético com o cruzamento de raças puras. Os técnicos e criadores passaram a desenvolver um novo tipo de suíno (e não mais porco) em resposta a constante demanda por uma melhor produtividade e uma produção economicamente mais viável (por parte dos criadores) e com menos gordura (exigência do mercado consumidor).

Como resultado do processo, surge a modernização produtiva em toda a extensão da cadeia produtiva, visando, conforme Roppa (1998), reduzir os custos e aumentar as receitas no setor. Desde então, a produção comercial em grande escala se dinamizou e o sistema agroindustrial suinícola tem se expandido, embora em muitos momentos tenha experimentado oscilações. Os fatores que positivamente colaboraram para preservar a expansão do setor suinícola são as constantes alterações nas características dos produtos e a incorporação em grande escala de novas tecnologias, assim como a própria expansão da escala produtiva. E é a

¹ É fundamental ressaltar que a palavra "porco" é utilizada, pois se refere ao "porco banha" que possui um alto teor de gordura. O suíno, como se conhece hoje, é caracterizado por seu baixo teor de gordura.



partir desses acontecimentos que o setor entrou em um ciclo de franca expansão no mundo inteiro.

Com a globalização, o sucesso das empresas agroindustriais passou a depender, cada vez mais, de como são estabelecidas as relações dentro da cadeia. A intensa modernização ocorrida em todos os segmentos da cadeia passou a ser um determinante importante para o aumento tanto da produção como da competitividade da carne suína. Por outro lado, deve-se destacar que a tendência do aumento da demanda, garantindo o mercado, tem incentivado de maneira direta o aumento da produção.

O aumento do consumo mundial de carne suína, que ocorreu mediante o aumento da renda e o crescimento econômico de países como China, Coreia do Sul e Vietnã, por exemplo, fez com que boa parte dos investimentos migrassem para esses mercados. Para entender tal fato é crucial a compreensão de que a questão internacional não deve ser vista apenas como de comércio, mas também a partir dos deslocamentos da produção e dos investimentos diretos. No caso específico da suinocultura, as grandes organizações exportadoras possuem estruturas produtivas localizadas em seus países de origem, não havendo assim, uma elevada internacionalização da produção como em outros setores (MIELE, 2006). Por outro lado, deve-se levar em consideração que há um grande potencial de aumento da demanda em outros continentes, como é o caso do Africano, o qual também faz parte do grupo dos maiores consumidores de proteína animal, com projeção positiva para o consumo de carne suína nos próximos anos.

Além da reorganização da cadeia, as crescentes incertezas sanitárias e a prática de protecionismo realizada por alguns países também tem sido decisivos para o processo de acirramento da concorrência no comércio internacional suinícola. As barreiras não tarifárias estão, cada vez mais, sendo voltadas para as questões sanitárias. De acordo com Liddell e Bailey (2001), estas barreiras tendem a evoluir, incorporando ainda questões ambientais e de bem-estar animal. Neste contexto, percebe-se haver um grupo de países que protegem seus mercados impondo restrições ao comércio de produtos agropecuários, dentre os quais se inclui a carne suína.

2.2. Panorama da Suinocultura no Brasil

A produção e o consumo da carne suína são bastante difundidos de Norte a Sul do país. A carne e banha vêm sendo utilizados pela população brasileira há muito tempo, embora hoje em dia a preferência seja pelo consumo da carne. Geograficamente, a região que inicialmente apresentou um maior dinamismo foi a de Minas Gerais (nas regiões de garimpo). Com a imigração europeia para os estados do Sul, no final do século XIX e início do século XX, a suinocultura ganhou novos aliados. Esses imigrantes, vindos principalmente da Alemanha e da Itália, trouxeram para o Brasil seus hábitos alimentares de produzir e consumir suínos, bem como um padrão próprio de industrialização.

No Brasil, até nos anos 1970, a suinocultura era uma atividade de duplo propósito. Além da carne, fornecia gordura para o preparo dos alimentos (esta inclusive era a demanda mais relevante). Todavia, a partir dos anos 1970, com o surgimento e difusão dos óleos vegetais, a produção de suínos como fonte de gordura perdeu espaço no mercado, sendo quase que totalmente eliminada do padrão de consumo da população brasileira. Assim sendo, para fazer face a esta transformação, a produção de suínos passou por um intenso processo de melhoria genética e tecnológica, o que resultou em perda de banha e ganho músculos (CIAS-EMBRAPA, 2010).



Assim, percebe-se que desde o seus primórdios, a suinocultura vem progredindo de maneira notável em todos os aspectos: da genética à nutrição; do manejo à sanidade; das instalações aos equipamentos utilizados (CAVALCANTI, 1984). As grandes transformações pela qual a suinocultura passou nos últimos dez anos podem ser explicadas, entre outros fatores, pelo aumento da produtividade, que tem como principal fator a seleção genética dos animais, assim como a grande contribuição das técnicas moleculares no melhoramento genético de suínos.

A indústria suinícola brasileira tem superado, ano a ano, seus índices técnicos, atingindo taxas continuamente melhoradas. Hoje, a suinocultura nacional apresenta excelentes e promissores indicadores, além de ter conquistado uma posição expressiva no comércio internacional. Tal conquista merece nosso respeito e admiração, pelos avanços observados nas últimas décadas, tanto do ponto de vista econômico, quanto em relação ao desenvolvimento social atribuído à cadeia produtiva.

Todo este esforço não resultaria em desenvolvimento econômico e social, se não houvesse avanços significativos na saúde animal, que permitissem oferecer as garantias exigidas pelos países importadores, garantindo, assim, a credibilidade de nossos produtos no mercado internacional.

Considerando as características socioeconômicas de nosso país e as cotações recentes de nossa moeda frente ao dólar e ao euro, guardamos um custo de produção imbatível (PINHEIRO et. al., 2009). Assim, conforme Silva (2005 apud MATOS, 2006) a suinocultura brasileira encontra bases bastante consistentes para continuar crescendo qualitativa e quantitativamente. Este fato, aliado a uma estrutura competente em qualidade sanitária e fiel aos mais exigentes mercados consumidores, tem permitido que a carta de exportações seja ampliada progressivamente.

Os avanços mencionados foram construídos com grandes sacrifícios, como é de se esperar em um país de grande dimensão territorial e diferenças regionais. Porém, a grande maioria dos avanços observados tem como principais fatores: (i) a erradicação de enfermidades de alto impacto econômico, como a febre aftosa, a peste suína clássica e a peste suína africana, mediante a implantação e consolidação gradativa de áreas livres em observância às diretrizes da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE); e (ii) a estruturação de um Serviço Veterinário Oficial pautado na independência técnica e financeira que permite a sustentabilidade dessas conquistas, mediante a credibilidade de suas ações e reações (FERREIRA et. al., 2014).

O rebanho suinícola nacional ocupa boa posição quanto ao número de animais, mas a sua produção de carne está abaixo do esperado. Vários fatores contribuem para que os índices de produção ainda sejam baixos, em especial, em algumas regiões. Dentre estes fatores, temos deficiência no controle de enfermidades, na seleção do material genético, nas técnicas de manejo, nas instalações e outros, além do alto custo do milho, farelo de soja e outros insumos básicos. O setor carece ainda, de uma política de redução permanente das elevadas taxas de juros, de formação e treinamento de pessoal técnico e de apoio ao uso racional de dejetos (NUNES, 2003).

3. METODOLOGIA

O estudo foi realizado com base em uma pesquisa descritiva, a qual de acordo com Gil (2002) tem por objetivo descrever as características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relação entre as variáveis. O trabalho apresenta um panorama



geral do sistema agroindustrial suinícola, mostrando a relevância dos principais estados produtores, além dos principais países envolvidos nesse mercado no período de 2005 a 2014. Este tipo de estudo pode ser classificado como sendo de caráter teórico-bibliográfico, por utilizar diversos materiais escritos para o entendimento de questões relativas ao objetivo da pesquisa.

A análise foi realizada da seguinte forma: primeiramente foram identificados os volumes das principais nações produtoras, exportadoras e consumidoras do produto no período de 2005 a 2014 e a evolução destas ao longo do período. Da mesma forma, na sequência, foram identificados os volumes de produção e exportação do Brasil e a evolução de sua respectiva participação no mercado mundial da carne suína, assim como os volumes consumidos e seu comportamento ao longo no período em questão.

Para o levantamento dos dados foi empregada a técnica de pesquisa bibliográfica, a qual é desenvolvida a partir de consultas em livros, artigos científicos, trabalhos técnicos e outros; e a pesquisa documental, a qual se refere à estudos baseados em consultas à materiais cujos dados, muitas vezes, não receberam nenhum tratamento analítico e que ainda podem ser realocados de acordo com os objetivos do estudo (GIL, 2002).

As informações sobre o produto foram obtidas a partir de dados fornecidos pela Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina, edições 2007-2008; 2009-2010; 2010-2011; 2011-2012; 2013-2014, publicados pela Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina – Epagri, em conjunto com o Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola – CEPA.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção caracteriza o Panorama da Suinocultura no período de 2005 a 2014. Está dividida em duas subseções, as quais apresentam: a) O panorama mundial de produção, exportação e consumo da carne suína; e b) o panorama nacional da produção, exportação e consumo da carne suína.

4.1. Panorama Mundial da Produção, Exportação e Consumo de Carne Suína.

Nota-se, pelos dados mostrados na Tabela 1, que o maior produtor mundial de carne suína de 2005 a 2014 foi a China, produzindo, em média, 49,5% da produção total do período. A União Europeia e os Estados Unidos ocupam o segundo e o terceiro lugar, respectivamente. A produção mundial cresceu 21,5% no período, passando de 90,9 para 110,5 milhões de toneladas.

É importante destacar que o único país que apresentou queda na produção de suínos foi o Canadá. Por conseguinte, o Vietnã vem ganhando importância no cenário da carne suína, com participação de 2,2% da produção mundial em 2014 (Tabela 1).

No contexto dos grandes produtores encontra-se o Brasil, que manteve a sua colocação de quarto lugar, ficando atrás apenas dos Estados Unidos, União Europeia e China. Essa concentração da produção, de acordo com a EPAGRI-CEPA (2015), ocorre, principalmente, em função de países como Estados Unidos, Brasil, China e União Europeia serem também grandes produtores de milho e soja.

Tabela 1 – Carne suína – Produção por país de 2005 a 2014

Países	(em mil toneladas)									
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
China	48.900	48.700	44.200	46.150	48.890	50.712	50.604	53.427	54.930	56.710
União Europeia	20.720	21.791	22.600	22.530	22.060	22.627	22.953	22.526	22.359	22.533
EUA	9.402	9.559	9.962	10.599	10.439	10.186	10.331	10.554	10.525	10.370
Brasil	2.730	2.830	2.990	3.015	3.130	3.195	3.227	3.330	3.335	3.400
Rússia	1.785	1.805	1.910	2.060	2.200	1.981	2.064	2.175	2.400	2.510
Vietnã	-	1.713	1.832	1.850	1.850	2.090	2.262	2.307	2.349	2.425
Canadá	1.960	1.898	1.850	1.920	1.790	1.779	1.817	1.844	1.822	1.805
Filipinas	1.100	1.215	1.245	1.190	1.225	1.260	1.288	1.310	1.340	1.353
México	1.175	1.108	1.150	1.160	1.162	1.175	1.202	1.239	1.284	1.290
Coreia do Sul	1.050	1.000	1.043	1.056	1.062	1.110	837	1.086	1.252	1.200
Outros países	2.172	6.752	6.876	6.911	6.972	6.784	5.729	5.773	5.918	5.706
Total	90.994	98.371	95.658	98.441	100.780	102.899	103.581	106.868	108.823	110.566

Fonte: Epagri/Cepa/SC (2005-2015), Relatório Anual ABPA (2015), Cenário Carnes- ABPA (2014-2015)

Observa-se na Tabela 2, que o volume exportado aumentou de 37,3 %, passando de 5 milhões em 2005, para 6,8 milhões em 2014. No cenário internacional das exportações, apenas quatro países – Estados Unidos, União Europeia, Canadá e Brasil – foram responsáveis por 89% do total exportado em 2014. Dentre os países supracitados, apenas os Estados Unidos responderam por 1/3 das exportações mundiais no referido ano.

Tabela 2 – Carne suína - Maiores exportadores mundiais de 2005 a 2014

Países	(em mil toneladas)									
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
USA	1.229	1.359	1.424	2.110	1.857	1.916	2.357	2.440	2.262	2.203
União Europeia	1.430	1.284	1.282	1.727	1.416	1.754	2.150	2.165	2.227	2.166
Canadá	1.075	1.081	1.033	1.129	1.123	1.159	1.197	1.243	1.246	1.218
Brasil	745	639	730	625	707	619	584	661	585	556
China	400	544	350	223	232	278	244	235	244	277
Chile	-	130	148	-	152	130	139	180	164	163
México	55	66	81	-	70	78	86	95	111	117
Sérvia	-	-	-	-	-	-	4	6	4	25
Austrália	55	60	54	-	40	41	41	36	36	37
Vietnã	-	20	19	-	21	19	32	36	40	40
Outros países	14	37	31	381	64	87	125	177	112	96
Total	5.003	5.220	5.152	6.195	5.682	6.081	6.955	7.268	7.027	6.873

Fonte: Epagri/Cepa/SC (2005-2015)

Nesse cenário, o Brasil se configura como o quarto maior exportador, posição que não se alterou durante os anos analisados. Entretanto, o volume exportado pelo Brasil sofreu uma queda de aproximadamente 25,4%, com consequente redução de sua participação no mercado, a qual passou de 15%, em 2005, para 8%, em 2011, percentual que se manteve até 2014.

Quanto ao consumo, este cresceu 21,3% no período, sendo que apenas três países: China, União Europeia e Estados Unidos foram responsáveis por 81,4% do consumo mundial em 2014, conforme dados apresentados na Tabela 3.

No caso do Brasil, embora o consumo tenha aumentado em 17,3% no período, este representou apenas 2,3% do total consumido no mundo em 2014. Se comparado com o

consumo da China, verifica-se uma diferença expressiva de quase 50 pontos percentuais em termos de participação, isto é, enquanto que o Brasil foi responsável por 2,3% do consumo mundial, a China contabilizou quase 52% desse consumo (Tabela 3).

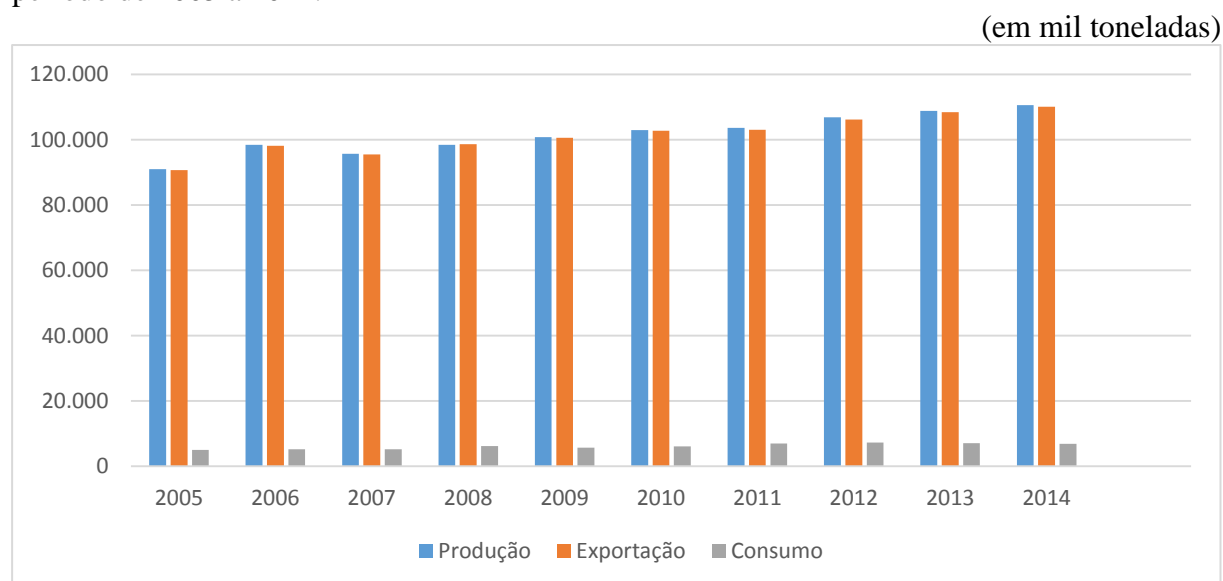
Tabela 3 – Carne suína- Consumo doméstico por país de 2005-2014

	(em mil toneladas)									
Países	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
China	46.928	48.246	44.048	46.726	48.732	50.799	51.108	53.802	56.096	56.950
União Europeia	19.801	20.631	21.257	20.970	20.683	20.952	20.822	20.382	20.173	22.300
USA	8.950	8.640	8.964	8.811	8.995	8.654	8.340	8.441	8.668	10.332
Rússia	2.239	2.639	2.803	3.112	3.044	2.896	3.035	3.208	3.267	3.400
Brasil	2.173	2.191	2,26	2.390	2.423	2.577	2.644	2.670	2.696	2.550
Japão	2.493	2.452	2.472	2.486	2.467	2.488	2.522	2.557	2.549	2.260
Vietnã	-	1.731	1.855	1.880	1.876	2.072	2.113	2.160	2.205	1.820
México	1.515	1.488	1.514	1.604	1.770	1.784	1.710	1.850	1.953	1.390
Coréia do Sul	1.330	1.420	1.506	1.519	1.480	1.539	1.487	1.546	1.628	1.305
Filipinas	1.198	1.239	1.270	1.235	1.283	1.418	1.432	1.446	1.521	1.285
Taiwan	973	-	-	-	-	901	919	906	892	815
Outros países	3.062	7.461	7.565	7.905	7.789	6.676	6.916	7.146	6.712	5.637
Total	90.662	98.138	95.514	98.638	100.542	102.756	103.048	106.114	108.360	110.044

Fonte: Epagri/Cepa/SC (2015).

A Figura 1 mostra que a produção, exportação e o consumo mundial de carne suína mantiveram uma trajetória de crescimento durante o período analisado. Além disso, percebe-se que tanto a produção quanto o consumo foram bastante semelhantes em todos os anos analisados, significando que os respectivos volumes cresceram a taxas relativamente próximas. Ao comparar o ano de 2005 com o ano de 2014, verifica-se que houve progresso no panorama geral da suinicultura.

Figura 1 – Evolução das exportações, da produção e do consumo de carne suína no mundo no período de 2005 a 2014.



Fonte: Elaborado pelos autores através dos dados disponibilizados pela Epagri/Cepa/SC (2005-2015), Relatório Anual ABPA (2015), Cenário Carnes- ABPA (2014-2015).



Os países que mais influenciaram no crescimento das exportações foram os Estados Unidos, os países membros da União Europeia e o Canadá. Percebe-se também, que a participação de países como Chile e México teve ligeira alta no período analisado, contribuindo para o aumento das exportações mundiais (Tabela 2).

4.2. Panorama da Produção, Exportação e Consumo de Carne Suína no Brasil

A produção nacional de carne suína passou 2,7 milhões de toneladas em 2005, para 3,4 milhões de toneladas em 2014, representando um crescimento de aproximadamente 26%. Já a quantidade exportada apresentou uma queda da ordem de 21% no período em questão, o que se explica, sobretudo, pela tendência de redução que se verificou a partir de 2013 (Tabela 4).

Os resultados observados em 2013 e 2014, tanto para a produção quanto para a exportação, podem ser explicados pela desestabilização do mercado nacional no ano de 2012. Com a queda da safra norte-americana em 2012, houve aumento dos preços que refletiram em aumento dos custos dos insumos. Entre os anos de 2012 e 2014, configurava-se no panorama internacional uma significativa queda nos preços pagos pelos animais, desestimulando fortemente a produção. Ainda no mesmo período, as alternâncias entre proibições russas, ucranianas e argentinas à carne brasileira, corroboraram para a desestabilização do mercado nacional por diversas vezes. Como consequência desse cenário, produtores reduziram o plantel, com alguns chegando até mesmo a deixar a atividade.

Tabela 4 – Produção, exportação e disponibilidade interna de carne suína – Brasil de 2005 a 2014

Período	(em mil toneladas)									
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Produção	2.709	2.943	2.998	3.026	3.190	3.238	3.398	3.488	3.429	3.400
Exportação	625	528	606	530	610	544	520	580	517	494
Disponibilidade	2.084	2.415	2.392	2.496	2.580	2.694	2.878	2.908	2.912	2.906

Fonte: Epagri/Cepa/SC (2005-2015)

Foi somente a partir do segundo semestre de 2013 que o reflexo da diminuição na oferta ocorreu. A valorização da carne bovina elevou o consumo de proteínas mais baratas, entre elas a suína, e as exportações ganharam ritmo, com o mesmo cenário se mantendo também em 2014 (CNA et. al., 2015).

4.2.1. Principais Estados Produtores

Atualmente, o Sul do Brasil é o maior produtor de carne suína do país. No ano de 2014, a produção desses três estados foi de 2 milhões de toneladas, o que representa 60% do total da produção brasileira no referido ano. Os estados com maior participação no total da produção são: Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná (ambos da região Sul), Minas Gerais e Mato Grosso, cujas participações em 2014 foram: 24,90%, 19,83%, 14,90%, 11,19% e 6,91%, respectivamente (Tabela 5).

Ainda de acordo com os dados da referida Tabela, percebe-se que São Paulo foi o único estado que apresentou um declínio na produção de carne suína, sendo que no início do período analisado o volume produzido tinha sido de 168.000 toneladas, dez anos depois, a

produção se retraiu em 36,30 %, passando a um volume de apenas 107.000 toneladas produzidas.

Tabela 5 – Produção brasileira de carne suína nos principais estados de 2005-2014

(em mil toneladas)

Estados	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2014 ⁽¹⁾
Santa Catarina	619	733	754	724	752	738	782	806	854
Rio G. do Sul	417	466	481	528	586	586	602	620	680
Paraná	390	431	437	444	488	491	530	530	511
Minas Gerais	252	315	336	348	375	397	428	461	384
Mato Grosso	105	112	116	140	152	175	187	215	237
Goiás	109	115	121	127	138	148	157	161	185
São Paulo	168	170	177	147	147	156	156	151	107
Mato G. do Sul	72	69	70	71	81	102	102	109	106
Outros estados	117	122	152	154	155	164	177	185	193
Total industrial	2.247	2.531	2.644	2.684	2.873	2.957	3.120	3.238	3.256
Subsistência	462	412	354	342	317	281	278	250	220
Total do Brasil	2.709	2.943	2.998	3.026	3.190	3.238	3.398	3.488	3.429

(1) Estimativa

Fonte: Epagri/Cepa/SC (2005-2015)

4.2.2. Consumo Nacional

A quantidade consumida só tem crescido no Brasil em termos absolutos, passando de 1,9 milhão de toneladas, em 2005, para 2,5 milhões, em 2014 (Tabela 6), dado o aumento da população e da renda. No entanto, em termos per capita, o consumo de carne suína no Brasil cresceu de forma mais gradativa, com a média brasileira ficando em 13,8 quilos no período, conforme mostrado na Tabela 6. Essa quantidade está muito distante dos 41,8 quilos de carne de frango e 41 quilos de carne bovina consumidos por habitante no país (CIAS-EMBRAPA, 2010).

As mudanças ocorridas na genética e na produção, visando garantir a produção de suínos com índice menor de gordura e maior de carne, ainda não foram totalmente percebidas pela população brasileira de modo geral. Este fato aliado aos preconceitos da carne suína sobre a saúde humana (a percepção popular e cultural de que a carne suína faz mal) pode ser apontado como o principal gargalo que tem se contraposto ao aumento do consumo da carne suína no país.

Tabela 6 – Produção e consumo doméstico de carne suína – Brasil de 2005 a 2014

(em mil toneladas)

Período	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Produção	2.709	2.943	2.998	3.026	3.190	3.238	3.398	3.488	3.429	3.400
Consumo Nacional	1.985	2.140	2.260	2.390	2.423	2.577	2.644	2.670	2.696	2.550
Cons. per capita (kg/hab)	11,6	13,3	13	13,4	13,7	14,1	14,9	14,9	14,5	14,71

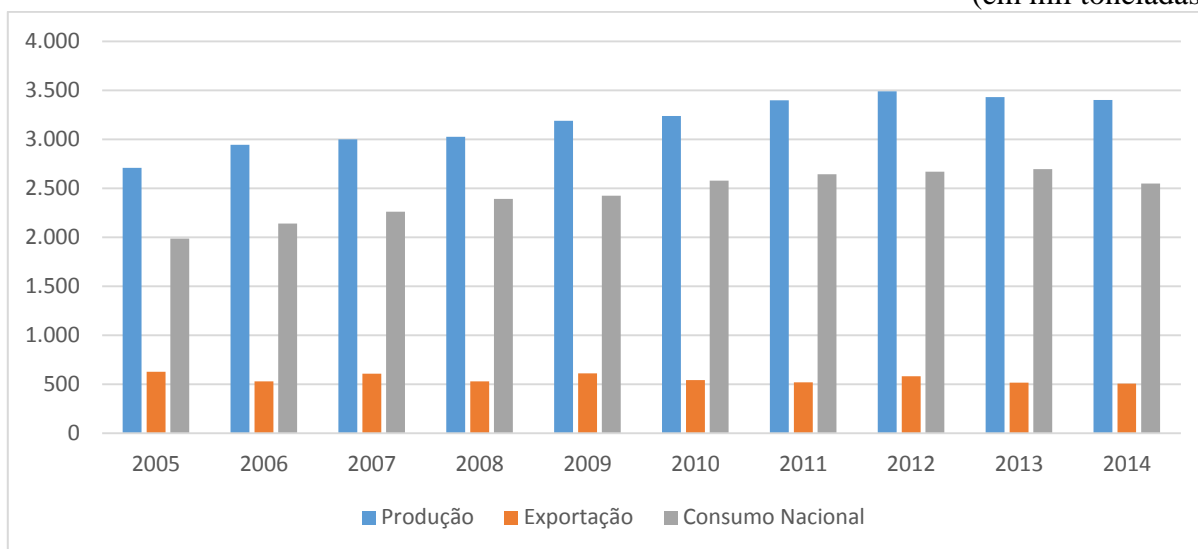
Fonte: Epagri/Cepa/SC (2005-2015).

Devido a todos esses problemas, a demanda pela carne suína somente apresentou um crescimento mais significativo a partir de meados da década de 1990, induzido pela queda de preços deste produto ao consumidor final e a ações lançadas pelos próprios suinocultores. Um fundo de promoção e divulgação para a carne suína e seus derivados, criado nessa época,

atuou diretamente nas promoções feitas em supermercados, sendo que na televisão foram divulgados os benefícios do produto, procurando eliminar os mitos referentes ao consumo dessa carne (CIAS-EMBRAPA, 2010).

A Figura 2 mostra a evolução da produção, exportação e consumo da carne suína brasileira no período analisado, onde se percebe mais claramente a trajetória dessas variações. Pelos dados da Tabela 5 percebe-se que Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais e Mato Grosso foram os grandes responsáveis pelo aumento da produção de carne suína. O único estado, dentre os principais analisados, que apresentou queda na produção foi São Paulo.

Figura 2 – Evolução da produção, exportação e consumo da carne suína no Brasil (em mil toneladas)



Fonte: Elaborado pelos autores através dos dados disponibilizados pela Epagri/Cepa/SC (2005-2015), Relatório Anual ABPA (2015), Cenário Carnes - ABPA (2014-2015).

Quanto às exportações, observa-se a ocorrência de ligeira queda no período, o que é resultado da desestabilização do mercado nacional no ano de 2012. Todavia, a partir do segundo semestre de 2013 esse cenário começou a mudar, dado que houve valorização da carne bovina. Como resultado, houve um aumento do consumo de proteínas animais mais baratas, dentre elas a carne suína.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo mostrou que tanto a produção quanto o consumo de carne suína é bastante concentrado no mundo, com a China, a União Europeia e os Estados Unidos se apresentando na mesma ordem, como os maiores produtores e consumidores do planeta. O Brasil se configura nesse cenário como o 4º maior produtor e o 5º maior consumidor, apresentando uma baixa participação tanto na produção quanto no consumo mundial do produto.

Quanto às exportações, os Estados Unidos aparecem em primeiro lugar, seguido pela União Europeia e o Canadá, com os Estados Unidos apresentando a maior expansão no período. No caso do Brasil, embora ocupe o 4º lugar, seu desempenho não tem sido satisfatório, com queda de 25% no período, assim como sua participação, que passou de 15% em 2005, para 8% em 2013.



Já em relação ao consumo, China, União Europeia, Estados Unidos e Rússia são os maiores consumidores, com o Brasil aparecendo na 5ª colocação, com participação de 2,3% do consumo mundial. O consumo brasileiro é baixo não apenas em volume total, mas também em consumo per capita, uma vez que se verificou que durante o período a média de cada brasileiro focou próxima de 14 kg/ano, média considerada baixa quando comparada com o consumo de carne bovina e de frango. No entanto, é preciso ressaltar ainda, que o consumo nacional tem se expandido gradativamente, significando que este deve manter uma trajetória de crescimento.

Quanto à produção brasileira, verifica-se que a atividade suinícola está concentrada no Sul do país, com os três estados do Sul sendo responsáveis por aproximadamente 60% de toda a carne suína produzida internamente. A participação de outras regiões, tais como o Centro Oeste, com participação de 14%, e Sudeste, com participação de 15%, também é significativa, deixando fortes indícios de que o Brasil passará a ganhar importância no contexto mundial nos próximos anos.

Em resumo, os dados de expansão, tanto de produção quanto de consumo mostram um cenário favorável para os próximos anos. Além do mais, o surgimento de novos mercados com grande potencial de consumo, tais como o da Austrália e de Singapura, aumenta a expectativa de expansão do consumo mundial, aumentando também as expectativas quanto às exportações brasileiras.

REFERÊNCIAS

ABPA – Associação Brasileira de Proteína Animal. Cenários Carnes, 2014/2015. Disponível em: http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/camaras_setoriais/Aves_e_suinicos/25RO/Cen%C3%A1rio%20Carnes%202014%202015.pdf. Acesso em: 19 de Março de 2016.

ABPA – Associação Brasileira de Proteína Animal. Relatório Anual, 2015. Disponível em: <http://abpa-br.com.br/setores/suinocultura/publicacoes/relatorios-anuais>. Acesso em: 19 de Março de 2016.

CAVALCANTI, S. S. Produção de Suínos. Instituto Campineiro de Ensino Agrícola. CIAS/EMBRAPA - Central de Inteligência de Aves e Suínos. A suinocultura no Brasil, 2010. Disponível em: http://www.cnpsa.embrapa.br/cias/index.php?option=com_content&view=article&id=5:origem-dos-suinos&catid=4:suinos-publico&Itemid=19. Acesso em: 19 de Março de 2016.

CNA/ESALQ/CEPEA/USP. Ativo Suinocultura. Brasília, n. 1, maio de 2015.

EPAGRI/CEPA – Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina e Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola. Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2005/2006, 2006/2007, 2007/2008, 2008/2009, 2009/2010, 2010/2011, 2011/2012, 2012/2013, 2013/2014 e 2014/2015. Disponível em: <http://cepa.epagri.sc.gov.br>. Acesso em: 15 de dez. 2015.

FERREIRA, Adilson Hélio et al. Produção de suínos: Teoria e prática. 1 ed. Brasília: Associação Brasileira dos Criadores de Suínos (ABCS), 2014.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.



GONÇALVES, R.; PALMEIRA, E. SUINOCULTURA BRASILEIRA. Observatorio de la Economía Latinoamericana (online), n. 71, 2006. Disponível em: <<http://www.eumed.net/cursecon/ecolat/br/06/rgg.htm>>. Acesso em: Março de 2016.

LIDDELL, S.; BAILEY, D.V. Market opportunities and threats to the U.S. pork industry posed by traceability systems International. Food and Agribusiness Reviews, v.4, p. 287-302, 2001.

LIMA, G. J. M. M. A evolução da suinocultura brasileira nos últimos dez anos. Animal Business Brasil. Rio de Janeiro, n. 12, p. 53-56, 2013.

MATOS, M. P. C. C. Avaliação metabólica e histológica de suínos em terminação submetidos à retirada dos suplementos microminerais-vitamínicos, redução do nível de fósforo inorgânico e adição de fitase na ração. Tese (Doutorado em Ciência Animal). Universidade Federal de Goiás, 2006.

MIELE, M. Contratos, especialização, escala de produção e potencial poluidor na suinocultura de Santa Catarina. Tese (Doutorado em Agronegócio). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

NUNES, R.C. Planejamento Estratégico da Suinocultura. In: Encontro Internacional dos Negócios da Pecuária - ENIPEC, Cuiabá, 2003. CD Rom. Pecuária. Cuiabá, 2002. Disponível em: <<http://www.agroindice.com.br>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

PINHEIRO, M. da S. M. et. al. Levantamento do perfil da suinocultura no município de Pontes e Lacerda – MT. Sociedade brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural – SOBER: Porto Alegre, 2009. Disponível em; <http://www.sober.org.br/palestra/13/298.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2016.

ROPPA, L. A suinocultura Brasileira. Suinocultura Industrial. n.134, p.24-32. São Paulo, 1998.

ROPPA, L. Carne Suína: Mitos e Verdades. In: Encontro Internacional dos Negócios da Pecuária. Cuiabá, 2002. Disponível em: <<http://www.agroindice.com.br>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

SOBESTIANSKY, J.; WENTZ, I.; SILVEIRA, P.R.S.; SESTI, L., A.C. Suinocultura Intensiva: Produção, Manejo e Saúde do Rebanho. Brasília, EMBRAPA-CNPISA, 1998.

SUINOCULTURA: A riqueza nutricional da carne de porco. Disponível em: <www.suinoicultura.com.br> 2008. Acesso em: 02 de Abril de 2016.

ZEN, S.; ORTELAN, C. B.; IGUMA, M. D. (2015, maio). Suinocultura brasileira avança no cenário mundial. Boletim Informativo da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil, CNA, (1).